

О Д Е Р Ж А Н І Е. — В Н У Т Р Е Н Н І Я И З В Ъ С Т І Я. — Высочайшія Повелѣнія. — Указы Правительствующаго Сенапа. Столицу и пр. — И Н О С Т Р А Н Н Ы Я И З В Ъ С Т І Я. — Австрія. — Голландія. — Италія. — Испанія. — СМЪСЪ.

По случаю праздника Нового года, слѣдующій номеръ выйдетъ

В Н У Т Р

С А Н К Т

Высочайшимъ П

По Арміи. А
Генераль-Лейте
еннымъ Губерна

В Е

а) Дан

NIKOLAI GÓGOL AVENIDA NIÉVSKI

E NOTAS DE PETERSBURGO DE 1836

edição ilustrada
tradução Rubens Figueiredo

COSACNAIFY



Декабря 14 числа.

„Судьею Оренбургскаго Совѣснаго Суда, изъ числа избранныхъ Оренбургскимъ Дворянствомъ Кандидаповъ, Всемилостивѣйше повелѣно бысть опскавному Гвардіи Полковнику Тиханову.“

б) Данные Капитулу Россійскихъ Императорскихъ и Царскихъ Орденовъ.

(Въ С. Петербургъ.)

Декабря 3 числа.

„Въ возданіе оплично-усердной и ревностной службы, Всемилостивѣйше пожалованъ Кавалеромъ Ордена Св. Анны 2 й степени, Флигель-Адъютантъ Нашъ, Лейбъ-Гвардіи Волынскаго полка Капитанъ Гоголь 1-й.“

бы, Всеми
Анны 2-й
флисскій
никъ Кого

„Въ
бы, Начал
вѣйше по
пени съ
скаго Ко
степени,

„Въ
бы, Всеми
Анны 3-й
няго гар

„Въ
бы, Всеми
Анны 3-й
Военном
соспоящ

Высо

Госу
и въ Об
нистра
сочайше
продажу
споровъ
щую в
работъ
коихъ п
съ мнѣ
Финанс

1) У

Комитъ

NIKOLAI GÓGOL AVENIDA NIÉVSKI

→ NÃO HÁ NADA MELHOR DO QUE A AVENIDA NIÉVSKI, PELO MENOS em Petersburgo; para a cidade, ela representa tudo. E o que não brilha nessa rua – a beldade de nossa capital? Sei que nenhum dos pálidos funcionários públicos que a habitam, trocaria a avenida Niévski por qualquer vantagem que fosse. Não só quem tem vinte e cinco anos de idade, lindos bigodes e sobrecasaca admiravelmente benfeita, mas até quem tem pelos brancos que repontam no queixo e a cabeça lisa como uma travessa de prata se entusiasma com a avenida Niévski. E as senhoras! Ah, para as senhoras, acende os lampiões, apenas para mostrar tudo sob um aspecto falso. ■ berram e saltam sobre os cavalos e quando o demônio em pessoa vão e brilho, miríades de carruagens despendam das pontes, boleiros e cor de palha das casas, quando a cidade inteira transforma-se em tro-noite recai sobre ela como uma densa massa e realça as paredes brancas tempo todo, essa avenida Niévski, porém mente sobretudo quando a No entanto, além do lampião, tudo o mais respira ilusão. Ela mente o limitar-se a derramar seu óleo fedorento na sua sobrecasaca elegante. ele, passe o mais depressa possível. E será uma felicidade se o lampião

a avenida Niévski é ainda mais agradável. Mas para quem ela não é agradável? Basta entrar na avenida Niévski para sentir o aroma de um passeio. Mesmo que tenhamos algum assunto urgente e incontornável, ao entrar na avenida certamente esqueceremos tudo. Aqui é o único lugar onde as pessoas aparecem não por necessidade, um lugar para onde são atraídas não por uma obrigação, nem pelo interesse comercial, que arrebatava Petersburgo inteira. A pessoa que se encontra na avenida Niévski parece menos egoísta do que nas ruas Morskaia, Gorókhovaia, Litiéinaia, Me-fique longe, pelo amor de Deus, longe do lampião! Passe depressa por longe, nada neste mundo me levaria a ter a curiosidade de segui-la. E por baixo dos chapéus! Por mais que a capa de uma beldade esvoace ao dade de papel-moeda. E que Deus nos proteja de olhar para as senhoras quinquilharias expostas são lindas, mas cheiram a uma terrível quantidita menos ainda. Trate de olhar menos para as vitrines das lojas: as Fayette. Você pensa que aquelas senhoras... mas nas senhoras você completamente desconhecido? Nada disso, ele está falando sobre La- posa jogou uma bolinha pela janela em cima de um oficial que lhe era

chánskaia e em outras ruas onde a ganância, a cobiça e a necessidade se manifestam nos pedestres e nas pessoas que passam em carruagens e em caleches abertas. A avenida Niévski é a via de comunicação obrigatória de Petersburgo. Aqui, o morador de Petersburgo ou de Víborg, que há alguns anos não revê um amigo de Piéski ou do portão de Moscou, pode estar seguro de que o encontrará sem falta. Nenhum guia de ruas e nenhuma agência de informações fornece notícias tão confiáveis como a avenida Niévski. A todo-poderosa avenida Niévski! A única alegria do pobre num passeio em Petersburgo é aquele entusiasta que sacode os braços conta como sua estranha como duas grialhas estão paradas uma na frente da outra. Você respeito de sua arquitetura? Nada disso: conversam sobre a maneira gordões parados diante de uma igreja em construção trocam opiniões a todo ele consiste apenas na sobrecaçaca. Você imagina que aqueles dois com uma sobrecaçaca feita com todo o esmero é muito rico? Nada disso: é sonho, nada é o que parece! Você pensa que o cavaleiro que passeia todo modo, não olhar para os objetos que encontro. Tudo é ilusão, tudo me envolvo mais ainda em minha capa quando passo por ela e tento, de

tersburgo! Como são limpas e varridas suas calçadas e, Deus, quantos pés deixaram nelas seus rastros! A bota suja e malfeita do soldado reformado, sob cujo peso até o granito parece rachar, e o sapatinho em miniatura, leve como fumaça, da jovem senhorita que vira a cabeceira para as vitrines reluzentes das lojas assim como o girassol se vira para o sol, e o sabre tilintante do sargento-mor cheio de esperança, que o arrasta raspando com força no chão – todos descarregam sobre ela o poder da força ou o poder da fraqueza. Que veloz fantasmagoria se cumpre aqui no decurso de um só dia! na avenida Niévski. Ah, não acredite nessa avenida Niévski! Eu sempre nho!" ¶ Porém os acontecimentos mais estranhos de todos têm lugar feito de batatas. Como nosso destino brinca conosco de modo estranho que penal – tem de se contentar com um almoço alemão qualquer, possui a boca da grandeza do arco do prédio do Estado-Maior, porém – de jeito nenhum enfiar dentro dela mais de dois bocadinhos; outro lente, mas por infelicidade sua boca é tão pequena que não consegue passam diante dele cavalos trotadores. Este tem um cozinheiro excepcional, viaja a pé e se satisfaz em apenas estalar a língua, quando

Quantas mudanças ela sofre em apenas vinte e quatro horas! Começamos pelo início da manhã, quando Petersburgo inteira sente o cheiro dos pães quentes, saídos do forno, e está cheia de velhas de vestidos e casacos esfarrapados que cumprem sua ronda pelas igrejas e atrás dos passantes piedosos. Nessa hora, a avenida Niévski está vazia: os gordos proprietários das lojas e seus balconistas ainda dormem em seus camisolões holandeses ou ensaboam sua honrada bochecha e bebem o café; os mendigos reúnem-se nas portas das confeitarias, onde um sonolento Ganimedes, que ontem voava sua beleza – enquanto isso, outro, cujo coração arde de paixão por deu lindos cavalos, e ele os cavalga com indiferença, sem sequer notar radamente preparadas? Tudo se passa ao contrário. A este, o destino cançaremos aquilo para o que nossas forças parecem ter sido delib- brinca conosco! Conseguiremos algum dia aquilo que desejamos? Al- “Como é estranha, como é inconcebível a maneira como o destino nida Niévski, enquanto trazia à memória esses dois acontecimen- forma admirável!”, pensava eu, ao caminhar pelo terceiro dia na ave- também os cavaleiros. ¶ “Como o nosso mundo é organizado de

como uma mosca para servir o chocolate, arrasta-se com uma vas- soura na mão, sem gravata, e arremessa para eles pasteizinhos res- secados e restos de comida. Pessoas necessitadas arrastam-se pelas ruas: às vezes, passam mujiques russos, afobados para chegar ao trabalho, de botas tão sujas de cal que nem mesmo o canal Ekatie- rínski, famoso por sua limpeza, seria capaz de lavá-las. Nessa hora, habitualmente, não convém que as senhoras saiam, porque o povo russo gosta de empregar expressões tão brutas como certamente elas não ouvem nem no teatro. Às vezes um funcionário sonolento a tal ponto na mazurca que levou ao êxtase não só as damas como funcionários e de oficiais. Lá, passou a noite com prazer e destacou-se colégio de controle, onde havia uma reunião muito agradável de lugar, e por isso Pirogóf dirigiu-se a um saraú na casa de um chefe de domingo, além do mais, sem dúvida, ele teria sido chamado a algum estava calmo e achou que não era bom incomodar o general num obrigou-o a passear um pouco pela avenida Niévski; às nove horas, e saiu já sem tanta fúria. Além do mais, a tarde fresca e muito agradável taria, comeu dois pasteis folhados, leu alguma coisa no *Abelha do Norte*

arrasta-se com uma pasta debaixo do braço, caso a avenida Niévski esteja no caminho de sua repartição. Pode-se afirmar com segurança que nesse horário, ou seja, antes do meio-dia, a avenida Niévski não é a meta de ninguém, serve apenas de meio: aos poucos, enche-se de pessoas, que têm seus afazeres, suas preocupações, seus aborrecimentos, mas que não pensam nela em absoluto. Um mujique russo fala de uns tostões, ou de sete moedinhas de cobre, um velho e uma velha agitam as mãos ou falam sozinhos, às vezes com gestos muito impressionantes, mas ninguém lhes dá ouvidos

isso terminou de maneira estranha: no caminho, entrou numa confusão de Estado ou procuraria até o imperador em pessoa. Mas tudo-Maior determinasse um castigo insuficiente, então iria direto ao Conselho de Estado para apresentar uma petição escrita dirigida ao Estado-Maior. Se o Estado-chocantes, a violência dos artesãos alemães. Quis, ao mesmo tempo, roupa, ir direto falar com o general, descrever-lhe, com as cores mais pequenos para Schiller. Foi correndo para casa a fim de, após trocar de aquela deixava-o enfurecido. Considerava a Sibéria e os agotes castigos indignação de Pirogov. Só a ideia de uma humilhação tão horrível como

nem zomba deles, exceto alguns meninos de casquinhas coloridos, que correm como raios pela avenida Niévski, com frascos vazios ou sapatos engraxados nas mãos. Nessa hora, não importa como você esteja vestido, ainda que, em vez de um chapéu, traga um quepe na cabeça, ainda que a gola se apresente distante demais da gravata — ninguém repara nisso. ¶ Ao meio-dia, preceptores de todas as nacionalidades fazem incursões na avenida Niévski, com seus pupilos de golas de cambraia. Johnsons ingleses e Kockes franceses caminham de braços dados com os pupilos confiados a seus cuidados. O que o incidente da véspera tivesse sido apenas um sonho. Mas o que aconteceu não pode ser modificado. Nada podia se comparar à ira e à uma febre forte, tremia como uma folha à espera de que a qualquer minuto fosse chegar a polícia, e ele pagaria só Deus sabe quanto para que o incidente da véspera tivesse sido apenas um sonho. Mas o que aconteceu triste. ¶ Estou certo de que Schiller, no dia seguinte, teve que, reconheço, não consigo encontrar palavras para representar esse alemães de Petersburgo e trataram-no de modo tão brutal e grosseiro para libertar-se; os três artesãos eram os mais fortes entre todos os raram Pirogov pelos braços e pelas pernas. ¶ Em vão ele se esforçou

paternais e, com uma seriedade decorosa, explicam-lhes que as tabuletas penduradas acima das lojas servem para que, por meio delas, se possa saber o que há dentro de cada loja. As governantas, *misses* pálidas e escravas rosadas, caminham imponentes atrás de suas menininhas irrequietas e ligeirinhas, ordenam que levantem um pouco mais os ombros e mantenham-se eretas; em suma, nessa hora, a avenida Niévski é a avenida pedagógica Niévski. Porém, à medida que se aproximam as duas horas, reduz-se o número de preceptores, pedagogos e crianças: são substituídos por pais casados. Segure-o pelos braços e pelas pernas, meu Kuntzi! ¶ E os alemães agarram o alemão, e não um boi chifrudo! Tire tudo dele, meu amigo Hoffman! Petersburgo, tenho minha mãe na Suábia e um tio em Nuremberg; sou cava parecido com seu colete vermelho de lá. — Moro há oito anos em quero — prosseguiu, enquanto sacudia as mãos com força, e o rosto não quero ter chifres! Meu amigo Hoffman, segure-o pela gola, eu não não um porco russo! ¶ Hoffman respondeu afirmativamente. ¶ — Ah, oficial russo. Com os diabos, meu amigo Hoffman, eu sou alemão, e — Como se atreve a beijar minha esposa? Você é um patife, e não um

rinhosos, que andam de braço dado com suas companheiras coloridas, variegadas e de nervos fracos. Pouco a pouco, vêm lhes fazer companhia todos os que terminaram seus importantíssimos afazeres domésticos, tais como: conversar com o médico sobre o tempo e sobre uma espinhazinha que nasceu no nariz, informar-se da saúde dos cavalos e dos próprios filhos, que de resto demonstram grandes talentos, ler um cartaz e uma importante matéria no jornal sobre quem está de partida e quem está chegando, e por fim tomar uma xícara de café e de chá; a esses somam-se as pessoas a quem indignação de Schiller. ¶ — Canalha! — gritou, numa enorme indignação. ¶ Mas deixo que os próprios leitores avaliem a ira e a como sapateiros. ¶ Todos esses respeitáveis artesãos estavam embriagados de repente a porta abriu, e Schiller entrou com Hoffman e com o carpinteiro Kuntz. Ainda mais seu encanto aos olhos de Pirogóf; ele a cobria de beijos. De que se atirou para beijá-la. A alemã começou a gritar, e isso aumentou levantou o lindo pezinho. Essa posição deixou Pirogóf tão maravilhado um avanço gradual. A alemã bonitinha colocou-se no centro da sala e goou com uma espécie de gavota, sabendo que com as alemãs é preciso

uma sorte invejável contemplou com o abençoado título de funcionário para missões especiais. A esses vêm juntar-se também os que trabalham no Ministério do Exterior e se distinguem pela nobreza de suas ocupações e hábitos. Deus, como são belos os cargos e as funções públicas! Como elevam e comprazem a alma! Contudo, ai! não sou um servidor e me é vedado o prazer de ver o fino tratamento que os superiores dedicariam a mim. Tudo o que você encontra na avenida Niévski é repleto de decência: homens de sobrecasacas compridas, com as mãos enfiadas nos bolsos, mãos de tudo; em suma, por esse caminho, buscava alcançar pleno êxito. Como podia ficar mais perto dela, abraçar a alemã bonitinha e dar início a que ele exhibisse sua silhueta e sua habilidade; terceiro, era na dança que muitas esperanças: primeiro, aquilo dava prazer a ela; segundo, permitia porque as alemãs são sempre afeiçoadas à dança. Pirogôv apostou nisso dela, Pirogôv propôs dançar. A alemã concordou no mesmo instante, curar em todos os lados e ver que nada conseguia despertar o interesse alemã tolinha respondia a tudo com monossílabos. Por fim, após pro- flexível e atraente. Graçou de modo muito agradável e cortês, mas a

chapeuzinhos e redingotes de cetim cor-de-rosa, branco e azul-claro. Aqui, você encontra suíças singulares, que, com uma arte extraordinária e admirável, passam por baixo da gravata, suíças ave-ludadas, acetinadas, negras como a zibelina ou o carvão, mas, ai, elas pertencem a só um departamento do Ministério do Exterior. Aos funcionários dos outros departamentos, a Providência recusou as suíças negras, eles são obrigados, para seu imenso desgosto, a usar suíças ruivas. Aqui, você encontra bigodes prodigiosos que nenhuma pena, nenhum pincel conseguiu retratar; bigodes aos quais cumprimentá-la com uma reverência, exibiu toda a beleza de seu talhe dessa feita, agiu com muito cuidado, tratou-a com muito respeito e, ao estava em casa. A dona de casa bonitinha assustou-se; mas Pirogôv, guinte, sem avisar, ele apareceu diante da lourinha. Schiller, de fato, não pensou Pirogôv, “é preciso tirar proveito disso.” “E no domingo se- domingos ele não fica em casa – disse a lourinha tolinha. “Nada mal”, casa? “E – Está – respondeu. “E – E quando ele não está em casa? “Aos A lourinha saudou-o como a um conhecido. “O seu marido está em seuntes. Pirogôv parou, acenou-lhe com a mão e disse: “Gut Morgen!”

se consagra a melhor metade de uma vida – objeto de zelos demorados, durante o dia e durante a noite, bigodes em que se derramaram os aromas e os perfumes mais maravilhosos e que foram untados com toda sorte de cremes caríssimos e raríssimos, bigodes que à noite são enrolados num fino papel pergaminho, bigodes a que seus possuidores insuflam a mais tocante afeição e que os transeuntes invejam. Milhares de tipos de chapéus, de vestidos, de lenços – coloridos, leves, aos quais suas proprietárias se mantêm apegadas por vezes ao longo de dois dias inteiros – deslumbram qualquer pessoa cabecinha da lourinha, que se inclinava na janela e observava os tran-

Schiller, com cafeteiras e samovares; para sua imensa alegria, avistou a rua Mechânskaja e olhou para o prédio onde brilhava o letreiro de todas as esperanças de atrair para seu lado. ¶ Num dia, ele passava pela era perfeitamente íntimo, mas a qual, na verdade, ele já estava perdendo intrigazinha com a alemã bonitinha, de quem, segundo suas palavras, já amigos, aludia, com ar significativo e com um sorriso agradável, à sua ciais, haverá também cachimbos –, fumando cachimbo numa rodag – porque, conforme a Providência já determinou, onde houver ofi-

na avenida Niévski. Parece que todo um mar de borboletas de repente se ergue dos caules e ondula como uma nuvem brilhante acima dos besouros negros do sexo masculino. Aqui, você encontra cinturas como jamais sonhou: cinturas fininhas, estreitinhas, em nada mais espessas do que o gargalo de uma garrafa; ao encontrar uma delas afastamo-nos respeitosamente para o lado a fim de não lhes esbarrar com o cotovelo de maneira descuidada e descortês; nosso coração é dominado pela timidez e pelo medo de que, por algum descuido, uma simples respiração possa despedaçar a mais russo. Enquanto isso, Pirogôv, fumando cachimbo numa roda de amil-beça e não conseguia imaginar um meio de livrar-se daquele oficial de Pirogôv despertou nele algo semelhante ao clímax. Quebrava a ca-lante embaraçosa. Embora fosse fleumático e alemão, o procedimento caráter do nobre Schiller, que enfim se viu levado a uma situação bas-com o carpinteiro Kuntz, também alemão e grande bebedor. Tal era o bebia sempre de maneira inspirada, ou com o sapateiro Hoffman ou a chave na porta e se embriaga sozinho. Ao contrário, como bom alemão, bia, em absoluto, como faz um inglês, que logo depois do jantar passa

encantadora obra da natureza e da arte. E que mangas de roupas de senhoras encontramos na avenida Niévski! Ah, que encanto! São um pouco parecidas com duas esferas de balão a gás, como se a senhora fosse erguer-se no ar de repente, caso o marido não a segurasse; pois é tão fácil e agradável erguer no ar uma senhora como levar à boca uma taça cheia de champanhe. Em parte alguma, ao se encontrarem, as pessoas cumprimentam-se com tanta nobreza e desembaraço como na avenida Niévski. Aqui, você encontra um sorriso único, um sorriso que é o auge da arte, às vezes é um sorriso de vodca de cominho, a qual, no entanto, ele sempre criticava. Não be-
rigo, porque Schiller então bebia duas garrafas de cerveja e uma garrafa
rêm, de resto, aos domingos, essa regra não era cumprida com tanto
acrescentava à sua sopa mais do que uma colherzinha de pimenta, po-
vinte e quatro horas e, para não beijar nem uma vez a mais, nunca
ponto de estipular que beijaria a esposa não mais de duas vezes a cada
um pouco de fome, terminava por habituar-se. Sua exatidão chegava ao
copeque, apenas diminuía a quantidade e, embora às vezes ficasse com
demais em relação ao preço habitual, Schiller não acrescentava nem um

tal que nos derretamos de prazer, às vezes é um sorriso tal que nos vemos de repente insignificantes e baixamos a cabeça, às vezes é um sorriso tal que nos sentimos mais altos do que a agulha do Almirantado e levantamos bem alto a cabeça. Aqui, você encontra gente que conversa sobre um concerto ou sobre o tempo com uma nobreza extraordinária e com um sentimento de dignidade. Aqui, você encontra mil caracteres e fenômenos inconcebíveis. Criador! Que caracteres estranhos se encontram na avenida Niévski! Há uma multidão de pessoas que, ao nos encontrar, vão infalivelmente suas despesas em nenhuma hipótese e, se o preço da batata subia do que um alemão admitir não ser fiel à sua palavra. Ele não aumentava passadinha na porta da casa de seu chefe para deixar seus cumprimentos destino, porque é mais fácil um funcionário esquecer-se de dar uma quenta mil rublos, e isso já se mostrava tão certo e irreversível como um Determinou que no decorrer de dez anos iria juntar um capital de cin-
almoçava às duas, era exato em tudo e ficava bêbado todos os domingos.
nenhuma hipótese abria uma exceção. Punha-se de pé às sete horas, na farrá, Schiller já havia planejado toda a sua vida, e por nada e em

observar nossos sapatos e, se passarmos por elas, vão virar-se para trás a fim de observar a aba de nosso casaco. Até hoje não consigo entender por que isso acontece. No início, eu pensava que eram sapateiros, no entanto não se trata disso: em sua maioria, são servidores públicos de diversos departamentos, muitos deles capazes de redigir de forma estupenda um ofício de um órgão público para outro; ou são pessoas que se ocupam com passeios, com a leitura dos jornais nas confeitarias – numa palavra, em sua maior parte, são pessoas decentes. Nessa abençoada hora, entre as duas Desde os vinte anos de idade, nessa época feliz em que um russo vive ler. Tratava-se de um perfeito alemão, no pleno sentido da palavra. não será supérfluo apresentar ao leitor alguns dados a respeito de Schiller. Acharia bonita lançou-o numa completa perplexidade. Acharia que beijo que, ao sair, Pirogóf atrevidamente aplicou em cheio nos lábios da de balançar a cabeça algumas vezes, deu seu consentimento; mas o cia desonesto, além do mais, o oficial russo elogiara seu serviço. Depois teriormente por ter se incumbido daquele trabalho. Recusar já lhe parecia de repente. “Olhe só o que você arranjou!”, pensou, censurando-se in-

e as três da tarde, que se pode chamar de a mais movimentada hora da avenida Niévski, tem lugar uma exposição importante de todas as melhores criações do homem. Um ostenta uma sobreca-saca elegante do melhor pelo de castor; outro, um magnífico nariz grego; um terceiro usa costeletas soberbas; uma quarta, um par de olhinhos bonitos e um chapéu admirável; um quinto, um anel com um talismã num elegante dedo mindinho; uma sexta, o pezinho num sapatinho cativante; um sétimo, uma gravata que desperta admiração; um oitavo, bigodes que causam assombro. para ele. Isso atingiu Schiller como uma bomba. Sua testa contraiu-se tenho um excelente punhal turco, mas gostaria de fazer outro engaste o senhor me faça um engaste para um punhal. Vou trazer para o senhor; – Ah, claro que posso – respondeu Schiller com um sorriso. – Então fazer um engaste, por exemplo, para um punhal ou para outros objetos? gente”, pensou. – Pois então, quem sabe o senhor poderia também cillou inteiramente com Pirogóf. “O oficial russo é um homem inteli-Schiller. Seus olhos começaram a expressar muita alegria, e ele se recon-ras assim. Um sentimento de satisfação desabrochou na alma de

Porém, batem as três horas e a exposição se encerra, a multidão se dissolve... Às três horas, uma nova transformação. De repente, começa a primavera na avenida Niévski: ela fica inteiramente coberta de funcionários de uniformes verdes. Famintos conselheiros titulares da corte e de outros tipos, empenham-se com todas as forças para acelerar o passo. Jovens registradores de colegiado e secretários de colegiado e de província apressam-se em aproveitar o tempo restante para desfilar pela avenida Niévski com uma postura que dê a entender que não ficam de forma alguma sentados seis horas por esporas. — Deus, como está benfeito! Nem o nosso general possui espó- ff — Ah, que trabalho excelente! — exclamou o tenente Pirogóf ao ver as quanto antes as esporas já começadas; finalmente, elas ficaram prontas. aborreceu com isso. Empregou todas as energias para terminar o com frequência sobre as esporas, tanto assim que Schiller, afinal, se tornava-se, a cada dia, mais interessante para ele. Passou a informar-se vitória sobre um obstáculo sempre vem unir-se um prazer, e a lounha muito difícil para Pirogóf obter êxito em sua empresa audaciosa; mas à Schiller, com toda a tolice, era sempre fiel a seu dever e por isso seria

dia numa repartição. Mas os velhos secretários de colegiado, os velhos conselheiros titulares e da corte andam ligeiro, de cabeça baixa: não se importam em olhar para os transeuntes; ainda não se desvencilharam inteiramente de suas preocupações; em sua cabeça, há uma mixórdia e um arquivo inteiro de tarefas iniciadas e não concluídas; para eles, por longo tempo, em lugar de uma tabuleta, surgirá diante dos olhos uma caixa de papelão cheia de folhas de papel ou o rosto gordo de um chefe de chancelaria. ¶ A partir das quatro horas, a avenida Niévski fica vazia, e é pouco provável que nela de inspirar, se não o amor, ao menos o respeito. De resto, a esposa de lher precisa ser vinte vezes mais inteligente do que um homem, a fim vício, nelas, respira com graça; porém, uma vez ausente a beleza, a mu- nam-se de algum modo extraordinariamente encantadoras; mesmo o feições espirituais numa belidade, em lugar de produzir a repulsa, tor- inocência infantil. A beleza produz autênticos milagres. Todas as imper- dos com a tolice de suas esposas, veem nelas todos os sinais de uma numa jovem bonitinha. Pelo menos, sei de muitos maridos que, extasia- graça, era muito boba. De resto, a tolice constitui um encanto especial

encontremos algum funcionário. Uma costureira sai de uma loja e cruza correndo a avenida Niévski com uma caixa nas mãos; ou é uma pobre vítima de um doutor humanitário que deixou vazios os bolsos de seu capote; uma figura estranha que passa e para quem a hora não importa; uma inglesinha alta e espigada com uma bolsa e um livrinho nas mãos; o chefe de uma cooperativa; um homem russo de sobrecasaca de mescla de algodão com cintura alta bem marcada nas costas e com uma barba estreitinha, o qual vive a vida inteira num desassossego e em quem tudo vibra: as costas, os braços, tudo cumpre dizer também que a esposa de Schiller, com toda a sua luminosa patente davam-lhe pleno direito de receber atenção. Con-tender como ela podia resistir, ainda mais quando sua amabilidade e nha ter-lhe demonstrado uma evidente rejeição. Ele não conseguia en-fer O tenente Pirogov não renunciou a suas buscas, apesar de a alemãzi-aqui. ¶ – Até logo – respondeu Schiller, e fechou a porta atrás dele. pensativo. – Estou com muito trabalho agora. ¶ – Até logo! Passarei por perguntou Pirogov. ¶ – Sim, daqui a duas semanas – respondeu Schiller, cozinhal ¶ A lourinha retirou-se. ¶ – Então, daqui a duas semanas? –

ços, as pernas, a cabeça, quando ele passa educadamente pela calçada; e às vezes um humilde artesão; e ninguém mais você encontra na avenida Niévski. ¶ Porém, assim que o crepúsculo cai sobre as casas e as ruas, e o guarda-noturno, coberto por uma esteira, sobe numa escada para acender um lampião, e nas vitrinezinhas baixas das lojas as estampas que não se atrevem a mostrar-se durante o dia espiam o lado de fora, nessa hora a avenida Niévski de novo se aviva e começa a palpitar. Tem início então aquela hora misteriosa em que os candeeiros dão a tudo uma luz atraente e gritou. ¶ – *Was wollen Sie doch?* – retrucou a lourinha. ¶ – *Gehen sie na* ombro. Schiller não gostou nem um pouco daquilo. ¶ – *Meine Frau!* – xão de Schiller, aproximou-se dela e apertou seu braço, desnudo até o onde estavam as cafeteiras. O tenente aproveitou o momento de reflexão instantânea, a lourinha entrou na oficina e começou a remexer na mesa fazer seu trabalho de um modo que valesse de fato quinze rublos. Nesse blo. ¶ Schiller ficou pensativo e pôs-se a ponderar na melhor forma de nhor e que desejo travar amizade com o senhor, pagarei os quinze ru-o serviço por dois rublos. ¶ – Pois bem, para mostrar que gosto do se-

mágica. Você encontra muito mais pessoas jovens, em sua maioria homens solteiros, com sobrecasacas e capotes quentes. Nessa hora, percebe-se um propósito, ou melhor, algo semelhante a um propósito, algo inconsciente ao extremo; os passos de todos se apressam e tornam-se em geral muito irregulares. Sombras alongadas deslizam pelos muros e pela calçada, e por pouco suas cabeças não alcançam a ponte Politséiski. Jovens registradores de colegiado e secretários de colegiado e de província ficam passeando durante muito tempo; mas os velhos registradores de colegiado e conseqüentemente Schiller friamente, afagando o queixo. – Um russo aceitaria fazer pergunta Pirogóf em tom amável. ¶ – É trabalho de um alemão – nessas horas isolava-se até de seus empregados. ¶ – Por que tão caro? – gostava de beber sem testemunhas, apenas com dois ou três amigos, e estar diante de alguém que o vira numa situação indecorosa. Schiller de Pirogóf, pois, como um alemão honrado, tinha muita vergonha de menos de quinze rublos pelas esporas – disse, querendo livrar-se logo por isso recebeu o oficial com ar muito severo. ¶ – Não posso pedir haviam se passado, mas tinha a sensação de que fizera alguma tolice e

lheiros titulares e da corte, em sua maioria, ficam em casa, ou porque são gente casada, ou porque em suas residências as cozinheiras alemãs cozinham muito bem. Aqui você encontra os mesmos velhos respeitáveis que às duas horas passeiam pela avenida Niévski com tamanha altivez e tamanha nobreza. Você agora os vê correndo como os jovens registradores de colegiado, a fim de espiar por baixo do chapéu uma senhora avistada de longe, cujos lábios grossos e cujas faces revestidas de ruge tanto agradam a muitos passantes e, sobretudo, aos balconistas, aos membros de cooperativas, aos dia anterior como um sonho confuso. Não lembrava como as coisas sim que lançou um olhar ao oficial, lembrou-se dos acontecimentos do surgir de olhos sonolentos, mal recuperado da ressaca da véspera. As-exclamou a alemã e saiu; depois de alguns minutos, Pirogóf viu Schiller explicações desse tipo. ¶ – Vou chamar o meu marido agora mesmo – guinhas! ¶ O tenente Pirogóf sempre se mostrava muito amável em a senhora não se precisa de esporas, e sim de rédeas. Que mãos me-esporas. A senhora pode fazer esporas para mim? Se bem que para amar para a porta, acrescentou: – Minha querida, preciso encomendar umas

comerciantes, que sempre passeiam de sobrecasacas alemãs, habitualmente de braços dados, em verdadeiras turbas. ¶ – Pare! – gritou naquele momento o tenente Pirogów, segurando o jovem de fraque e capa que andava a seu lado. – Viu? ¶ – Vi, fantástica, uma verdadeira Bianca de Perugino. ¶ – Mas do que está falando? ¶ – Dela, a mulher dos cabelos escuros. E que olhos! Deus, que olhos! Todo o quadro, o contorno, o oval do rosto, fantástico! ¶ – Estou falando da lourinha que passou atrás dela, daquele lado. Mas então por que não foi atrás da moreninha, se lhe agradou tanto? porém, ao notar que a lourinha espantada fez menção de esquivar-se; sorriundo de modo muito agradável e aproximando-se um pouco mais; ¶ – Ver a senhora, nada mais que isso – respondeu o tenente Pirogów, e, com a mesma severidade, perguntou: ¶ – O que o senhor deseja? queixo da jovem. ¶ Mas a lourinha emitiu uma exclamação de espanto bonitos! – E então Pirogów quis gentilmente levantar com um dedo o querid! A senhora não me reconhece? Sua danadinha, que olhinhos rostinho, perguntou: ¶ – O que o senhor deseja? ¶ – Ah, bom dia, minha e, com uma voz bastante severa, que combinava muito bem com seu

¶ – Ah, como poderia? – exclamou, ruborizado, o jovem de fraque. – Como se ela fosse uma dessas que andam ao anoitecer pela avenida Niévski; deve ser uma senhora muito fina – prosseguiu, depois de um suspiro –, só a sua capa deve custar uns oitenta rublos! ¶ – Seu bobalhão! – gritou Pirogów, depois de empurrá-lo com força na direção em que esvoaçava a capa brilhante. – Ande, palerma, vai perder a chance! E eu vou atrás da lourinha. ¶ Os dois amigos separaram-se. ¶ “Conhecemos todas vocês”, pensou Pirogów com um sorriso presunçoso e cheio de si, convicto de que não havia no funilaria do artesão. No cômodo da frente, a lourinha bonita recebeu-o. No dia seguinte, o tenente Pirogów apareceu bem cedo na oficina de lhe veio a imagem da lourinha bonita, e resolveu esquecer o assunto. desculpar Schiller porque sua cabeça estava cheia de cerveja; além disso, meio de fazer ver a Schiller sua insolência. Enfim decidiu que podia escada diversas vezes, como se desejasse tomar coragem e imaginar um em absoluto, digno de sua patente, e sentiu-se incomodado. Parou na restava mais nada senão retirar-se; no entanto tal tratamento não era, palma da mão e soprou-a. ¶ O tenente Pirogów percebeu que não lhe

mundo beldade capaz de resistir a ele. ¶ O jovem de fraque e capa seguiu a passos tímidos e hesitantes na direção em que esvoaçava ao longe a capa colorida, que ora emitia um brilho claro, quando próxima da luz de um lampião de rua, ora surgia encoberta pela sombra, por um momento, quando se distanciava do lampião. Seu coração batia forte e, mesmo sem querer, ele apressava o passo. Não se atrevia sequer a pensar que tivesse algum direito a receber a atenção da beldade que voava ao longe, muito menos podia admitir um pensamento tão negro como aquele que o tenente Pirogov serviu no Exército. Com um oficial, faço assim: fui – Schiller abriu a dois anos, tenente, e rapidinho, amanhã, serei oficial. Mas não quero bater com o punho no peito) serei oficial: num ano e meio, cadete, em um oficial! Eu sou um alemão da Suábia. Eu mesmo (e aqui Schiller mente, o senhor não se deu conta... eu sou um oficial... ¶ – E o que é ridá, falou: ¶ – Causa-me estranheza, excellentíssimo senhor... certa- em seu rosto, sumiu de súbito. Com um sentimento de dignidade fe- era inteiramente novo para ele. O sorriso, que se mostrara ligeiramente voz arrastada. ¶ Isso deixou perplexo o tenente Pirogov. Tal tratamento

gów havia sugerido; mas tinha vontade apenas de ver a casa, saber onde residia aquela criatura encantadora que parecia ter voado di- reto do céu para a avenida Niévski e, provavelmente, dali voaria para um lugar desconhecido. O jovem corria tão depressa que empur- rava para fora da calçada os senhores respeitáveis de suíças grisa- lhas. Esse jovem pertencia à classe que entre nós constitui um fe- nômeno bastante estranho, e pertencia aos cidadãos de Petersburgo na mesma medida em que uma pessoa que vemos num sonho per- tence ao mundo real. Essa categoria excepcional é muito incomum – Os senhores me perdoem... ¶ – Fora daqui! – retrucou Schiller com inclinou-se ligeiramente e, com a simpatia que lhe era própria, disse: ¶ a cometer tal ação em presença de um estranho. Por seu turno, Pirogov sentiu que era um pouco indecoroso achar-se naquele estado e prestes Ele, embora estivesse na embriaguez deliciosa da cerveja e do vinho, conhecida, não convidada, o perturbasse de modo tão despropositado. ¶ Para Schiller, foi muito irritante que uma pessoa des- sola de sapato. ¶ Porque ele já levava sua faca à posição de quem tenciona retalhar uma de que Hoffman teria cortado o nariz de Schiller sem a menor hesitação,

nesta cidade, onde todos são ou funcionários, ou comerciantes, ou artesãos alemães. Tratava-se de um pintor. Não constitui um fenómeno estranho? Um pintor petersburguês! Um pintor na terra das neves, um pintor no país dos finlandeses, onde tudo é molhado, liso, plano, pálido, cinzento, nebuloso. Esses pintores não se parecem de maneira alguma com os pintores italianos, orgulhosos, ardentes, como é a Itália e o seu céu; ao contrário, em sua maior parte, são gente bondosa, dócil, acanhada, calma, que ama serenamente sua arte, toma chá com dois amigos num quarto pequeno, discute dis-

¶ E se não fosse a repentina aparição do tenente Pirogôv, não há dúvida que também estava bêbado, respondeu afirmativamente. — Vinte rublos e quarenta copeques! Sou um alemão da Suábia; na Alemanha, eu tenho um rei. Não quero um nariz! Corte o meu nariz! Tire o meu nariz!

assalto! Diga-me, meu amigo Hoffman, não é mesmo? — E Hoffman, catorze dá vinte rublos e quarenta copeques só para o tabaco. Isso é um ano, aspiro duas libras de rapé, ao preço de dois rublos a libra. Seis mais porque nos feriados eu não quero aspirar o nojento tabaco russo. Num custa catorze rublos e quarenta copeques! E nos feriados eu aspiro rapé,

cretamente um assunto de sua predileção e não se preocupa com nada de supérfluo. Convida sempre uma velha mendiga para vir à sua casa e a obriga a posar seis horas inteiras a fim de transpor para a tela sua fisionomia lastimável, impassível. Pinta a paisagem de seu próprio quarto, em que se mostram todas as bobagens do mundo da arte: mãos e pés de gesso, que o tempo e a poeira deixaram da cor do café, cavaletes de pintura quebrados, uma paleta tombada, um amigo que toca violão, paredes manchadas de tinta, uma janela escancarada através da qual surge o pálido rio Nevá e um nariz

¶ Um nariz Hoffman? Um amigo Hoffman, meu amigo, está ouvindo, e quarenta copeques. Esta ouvindo, meu amigo Hoffman, e quarenta copeques; doze vezes um rublo e vinte copeques dá catorze rublos e quarenta copeques por libra de tabaco na loja russa; isso dá um rublo e quarenta copeques, porque a loja alemã não tem tabaco russo, então eu pago russo nojento, três libras de tabaco por mês. E o que eu pago para aquela loja preciso de um nariz — disse, sacudindo os braços. — Só com o nariz, eu resto, eis em que consistiam as palavras de Schiller. ¶ — Não quero, não

De "Morgen", não conseguia compreender nada de toda aquela história. De mau e por isso o tenente Pirogôv, que de alemão só sabia dizer "gut

pescadores pobres de camisa vermelha. O colorido desses pintores é quase sempre turvo e acinzentado – marca indelével do norte. Apesar de tudo, eles se empenham em seu trabalho com autêntico prazer. Muitas vezes alimentam em si um talento autêntico e, se neles ao menos soprasse o ar fresco da Itália, seu talento na certa se desenvolveria tão livre, tão vasto e radiante como uma planta que, enfim, retiram de um quarto e deixam ao ar livre. Em geral, são muito tímidos: medalhas e dragonas grossas causam-lhes tamanha perturbação que, sem querer, baixam o preço de suas obras. Às vezes, gostam em cima de sua superfície. Os dois indivíduos falavam em idioma alemão com dois dedos e fazia girar a lâmina de sua faca de sapateiro bem grosso, com a cabeça erguida; Hoffman, por sua vez, segurava-o pelo nariz com duas figuras. Schiller estava sentado, exibindo o nariz bastante não espantaria Pirogóf, mas espantou-o ao extremo a estranha posição numa cadeira, batia o pé no chão e falava com fervor. Tudo isso ainda Oficiais, grande amigo de Schiller. Schiller estava bêbado, sentado man – não o escritor Hoffman, mas um ótimo sapateiro da rua dos funileiros da rua Mechänkskaia. Ao lado de Schiller, de pé, estava Hoff-

de se mostrar elegantes, mas neles tal elegância sempre parece demasiado brusca e um tanto semelhante a um remendo. Neles, por vezes, você encontra um fraque excelente e uma capa manchada, um caro colete de veludo e uma sobrecasaca toda respingada de tinta. Da mesma forma, numa paisagem inacabada, às vezes vemos, desenhada de cabeça para baixo, uma ninfa que o pintor, não encontrando outro lugar, esboçou no fundo manchado de sua obra anterior e que na hora pintou com prazer. Ele nunca olha para você direto nos olhos; se olhar, será de modo velado, indefinido; *História da Guerra dos Trinta Anos*, mas sim o famoso Schiller, mestre dos sentados Schiller – não aquele Schiller que escreveu *Guilherme Tell* e a nado com uma visão extraordinária e estranha. ¶ À sua frente, estava o que demonstrava que seu dono era alemão. Pirogóf ficou impressionado com o modo em tudo diverso do anterior, arrumado com muito assento, mas, seguindo uma regra russa, resolveu ir em frente. Encontrou uma esvoaçara adiante por uma porta lateral. Ele refletiu por um momento, mas, percebendo que se tratava da oficina de um artesão. A desconhecida estava atulhada de serragem e de limalhas de ferro. Pirogóf imediatamente se mostrou elegantes, mas neles tal elegância sempre parece

não crava em você o olhar de uma águia vigilante ou o olhar de falcão de um oficial de cavalaria. Isso acontece porque ele vê ao mesmo tempo as feições que você tem de fato e as feições de algum Hércules de gesso que está no quarto dele, ou parece visualizar um quadro que ainda pretende pintar. A isso ele, não raro, responde de modo obscuro, por vezes de modo disparatado, e misturam-se em sua cabeça temas que aumentam ainda mais sua timidez. A essa espécie pertencia o jovem retratado por nós, o pintor Piskarióv, hesitante, tímido, mas que trazia na alma as centelhas de cafeteiras reluzentes e de castiçais estava sobre a mesa; o chão fuligem. Um monte de parafusos de ferro, de ferramentas de serralheria, Viu-se num quarto amplo, de paredes negras, de teto enegrecido de bria e cruzou uma porta, por onde Pirogóf também ousou penetrar. A louriinha subiu ligeiro por uma escada estreitinha e som-depressa e entrou voando pelo portão de um prédio bastante sujo. Piro-artesãos alemães e de ninfas finlandesas. A louriinha correu ainda mais Kazan, na rua Mechânskaja, rua de tabacarias e de lojas de miudezas, de tada, e com uns sons obscuros. Entraram pelos sombrios portões de

de um sentimento, prontas a se converter em chamas na situação propícia. Com um tremor misterioso, precipitou-se no encalço de seu tema, que o impressionara tão fortemente, e pareceu admirar-se da própria audácia. A criatura desconhecida, a que seus olhos, pensamentos e sentimentos ficaram tão colados, de repente virou a cabeça e olhou-o de relance. Deus, que feições divinas! De uma brancura ofuscante, a testa encantadora estava sombreada por cabelos lindos como ágata. Oscilavam, aqueles cachos maravilhosos, e uma parte deles, caindo por baixo do chapeuzinho, alcançava as

faces, tocadas de um rubor fino e fresco, causado pelo frio da noite. Os lábios estavam fechados por um verdadeiro enxame de devaneios lindíssimos. Tudo o que permanece das recordações da infância, tudo o que o sonho e a inspiração silenciosa nos trazem sob um lampião brilhante — tudo isso como que se agregava, se fundia e se refletia em seus lábios harmoniosos. Ela olhou de relance para Piskarióv e, sob o efeito daquele olhar, o coração dele palpitou; ela olhou com ar severo, transpareceu em seu rosto um sentimento de indignação ante a imagem de uma perseguição tão impertinente; iam por ele duas senhoras muito bonitas. Pirogóf, em geral, demomons- isso de modo ainda mais eloquente porque, naquele momento, passava dele estava um tenente, e não um oficial qualquer. Aliás, tentou expor interrompeu e, com palavras concisas, mas ríspidas, fez saber que diante sua certo escrivão que se mostrara descorêt, Pirogóf rapidamente o diante rodeios, aludir a sua promoção e um dia, quando encontrou nação o deixava muito honrado; nas conversas, tentava muitas vezes, me-Que importa se sou um tenente?“, contudo, no íntimo, essa nova distin- todavia, às vezes, deitado no sofá, dizia: “Ah, ah! Vaidade, tudo é vaidade!

mas naquele belo rosto até a raiva era fascinante. Sob o efeito da vergonha e da timidez, ele se deteve, baixou os olhos; mas como abandonar aquela divindade sem conhecer sequer o santuário onde ela se dignava hospedar-se? Tais pensamentos acudiram à cabeça do jovem sonhador, e ele resolveu segui-la. Porém, a fim de não se fazer notar, manteve-se a uma distância maior, olhava para os lados com ar despreocupado, observava os letreiros e, enquanto isso, não perdia de vista nenhum passo da desconhecida. Os transeuntes começaram a rarear, a rua tornou-se mais silenciosa; a beldade olhou muito satisfeito com sua patente, à qual fora promovido pouco antes, e em geral um jovem sargento-mor se expressa sobre o assunto. Estava de uma atriz ou de uma dançarina, mas não de modo tão bruto como todos os talentos com que o destino brindou Pirogóf. Gostava de falar canhão ou sobre um rinoceronte. De resto, é um tanto difícil enumerar nos outros. Sabia contar de modo muito agradável uma piada sobre um cesso que de repente conseguia enfiar cerca de dez anéis de fumaça uns al de soltar anéis de fumaça do cachimbo e o fazia com tamanho su- de Dmitri Donskoi e de *A desgraça de ser inteligente*, possuía a arte espe-

para trás, e o jovem teve a impressão de que um leve sorriso brilhou em seus lábios. Ele estremeceu inteiro e não acreditou em seus olhos. Não, aquele lampião, com sua luz enganosa, fez surgir no rosto da mulher algo semelhante a um sorriso; não, seus próprios devaneios zombavam dele. Mas a respiração ardeu em seu peito, tudo em Piskarióv se transformou num terror indeterminado, todos os seus sentimentos inflamaram-se e tudo à sua frente mergulhou numa espécie de neblina. A calçada corria debaixo dele, as carruagens com cavalos que galopavam pareciam imóveis, a ponte estalantes, que lhe eram inerentes. Declamava de modo soberbo os versos importantes desse tipo de jovem. Mas o tenente Pirogóf tinha muitos seja general ou, no mínimo, coronel. Tais são as características mais rem de forma alguma ver suas filhas casadas com ninguém que não barbichas russas, apesar de ainda terem um ranço de repolho, não queira do serviço público, pelo menos, a patente de coronel. Porque as No entanto, não podem alcançar essa honra sem antes atingir na car-algo perto disso, em dinheiro vivo, e uma porção de parentes barbados. a filha de um comerciante, que sabe tocar piano, possui cem mil, ou

cou-se e partiu-se em seu arco, uma casa estava com o telhado virado para baixo, uma guarita desmoronou de encontro a ela, e a alabarda da sentinela, junto com as palavras douradas de um leiteiro e o desenho de umas tesouras, brilhou como que colada a suas pestanas. E tudo isso foi produzido por um olhar, por um giro de uma cabecinha bonita. Sem ouvir, sem ver, sem prestar atenção, o jovem se precipitava nas pegadas ligeiras dos lindos pezinhos, esforçava-se para moderar a velocidade dos próprios passos, que voavam no ritmo do coração. Às vezes, a dúvida o dominava: a Então seu círculo torna-se mais amplo; alcançam, enfim, casar-se com aparecem, enfim, de posse de um cabriolé e de uma parelha de cavalos. cas ou preparando candidatos para tais estabelecimentos de ensino, chamar os atores em voz alta; muitos, lecionando em instituições públicas apreciavam sobretudo os versos bonitos, também gostam bastante de São as pessoas mais lucrativas para o empresário teatral. Numa peça, que ofende muito seu gosto exigente. Vão constantemente ao teatro. deles, a menos que estejam apresentando qualquer uma das *Filatka*, tura. No teatro, qualquer que seja a peça, sempre encontraremos um

expressão do rosto dela teria sido mesmo tão benévola? — e então parava um instante, mas o batimento do coração, a força invencível e o sobressalto de todos os sentimentos impeliavam-no adiante. Nem percebeu como surgiu na sua frente um prédio de quatro andares, as quatro fileiras de janelas brilhavam como fogo, olhavam todas para ele ao mesmo tempo, e os corrimãos na entrada contrapuseram a suas mãos seu impacto de ferro. Viu como a desconhecida voou pela escada, olhou para trás, colocou um dedo nos lábios e fez sinal para segui-la. Os joelhos do jovem tremeram; sentimentos

pensamentos incendiaram-se; um raio de alegria, com um gume insuportável, cravou-se em seu coração. Não, aquilo já não era um sonho! Deus! Quanta felicidade num instante! Quanta vida milagrosa em dois minutos! ¶ Mas não seria tudo aquilo um sonho? Seria possível que aquela mulher, de quem um único olhar celestial bastaria para o jovem abrir mão de toda a sua vida, e ele já considerava uma ventura indefinível o simples fato de estar perto da casa dela – seria possível que essa mulher fosse agora tão benévola e atenciosa com ele? O jovem subiu a escada voando. Não sentia ne-

¶ Porém, antes de dizer quem era o tenente Pirogôv, também não fará mal nenhum explicar a que meio ele pertencia. Há oficiais que, em Petersburgo, constituem uma espécie de classe intermediária da sociedade. Num saraú, num almoço na casa de um conselheiro de Estado ou de um conselheiro de Estado efetivo, que fez por merecer tal título após quarenta anos de serviços prestados, sempre encontraremos um deles. Várias filhas pálidas, inteiramente descoloridas, como Petersburgo, entre as quais algumas amadureceram em excesso, uma mesinha de chá, um piano, danças domésticas – tudo isso é inseparável das dragonas cavalheirescas, um voto de escravo disposto a cumprir todas as suas ordens. Desejava apenas que tais ordens fossem, o mais possível, santificava os pensamentos. A confiança que a criatura linda e frágil lhe dispensava, essa confiança impunha-lhe um voto de austeridade

diffíceis e inexecutáveis, para que ele as superasse com grande esforço. Não tinha dúvida de que um acontecimento misterioso e ao mesmo tempo importante obrigava a desconhecida a confiar nele; que dele, provavelmente, seriam exigidos serviços formidáveis, e já sentia em si a força e a decisão para enfrentar tudo. ¶ A escada serpenteava e, junto com ela, serpenteavam seus pensamentos velozes. “Vá com mais cuidado!”, ressoou uma voz, como uma harpa, e encheu todas as suas veias com um novo tremor. Na altura sombria do quarto andar, a desconhecida bateu a uma porta – a porta se abriu para os leitores informar-lhes quem era o tenente Pirogôv. capote, a fim de evitar o encontro com algum conhecido. Mas não será quanto continuava sua perseguição e ocultava o rosto atrás da gola do para trás. “Pombinha, você é minha!”, dizia Pirogôv com presunção, en- vitrines, virava-se a todo instante, lançava olhares para todos os lados e cintos, os lenços, os brincos, as luvas e outras bugigangas expostas nas nha e bastante interessante. Parava diante de todas as lojas e espia-va-se no encaixo de uma louriinha. A tal louriinha era uma criatura ligeiri- nente Pirogôv na hora em que se separava do pobre Piskariôv e atra-va-

abriu, e eles entraram juntos. Uma mulher de aspecto bastante agradável recebeu-os com uma vela na mão, mas fitou Piskarióv de modo tão estranho e insolente que ele, sem querer, baixou os olhos. Entraram num quarto. Três vultos femininos, em cantos distintos, surgiram diante de seus olhos. Uma baixava cartas na mesa; outra estava sentada ao piano e tocava com dois dedos algo triste, parecido com uma antiga *polonaise*; a terceira estava sentada diante de um espelho, penteava os cabelos compridos e não pensou de forma alguma em interromper sua toalete em razão da entrada de uma atrás dele, por não ter outra coisa a fazer. ¶ Parece que deixamos o le-
mendiça qualquer, encontrada por acaso num cruzamento, arrasta-se
caixa de madeira nua, de um pobre, que ninguém recobriu, e só uma
ritação mistura-se com mágoa quando vejo que um carroceiro leva o
coche fúnebre suntuoso e um caixão forrado de veludo; mas minha ir-
pada com uma tocha. Sinto sempre na alma uma irritação ao ver um
capuchinho, aspira rapê com a mão esquerda, porque a direita está ocu-
longo cortejo fúnebre e quando um soldado inválido, vestido como um
pre acho desagradável quando meu caminhar é atravessado por um

pessoa desconhecida. Em tudo reinava uma desordem desagradá-
vel que só se pode encontrar num descuidado quarto de solteiro. Os móveis, bastante bons, estavam cobertos de poeira; uma aranha estendia sua teia na cornija de gesso; através da fresta da porta de outro quarto, brilhava uma bota com uma espora e o friso vermelho de um uniforme; a voz alta de um homem e uma risada de mulher irrompiam sem nenhum constrangimento. ¶ Deus, onde ele foi pa-
rar! A princípio, não quis acreditar e pôs-se a examinar mais detida-
mente os objetos que enchiam o quarto; mas as paredes nuas e a
rio. Mas voltaremos a ele. ¶ Não gosto de cadáveres e defuntos e sem-
ligando para isso: andava ocupado com um acontecimento extraordiná-
em vida, prestara sua elevada proteção. De resto, o tenente nem estava
Nem o tenente Pirogóf veio ver o cadáver do pobre infeliz, a quem ele,
rava apenas um guarda, e isso porque tinha bebido vodka em excesso.
Okhta, em silêncio, e até sem as cerimônias da religião; atrás dele, cho-
ferente do médico municipal. Levaram seu caixão para o cemitério de
ser a figura rotineira do inspetor de polícia do quartelão e a cara indi-
guem chorou por ele; ninguém foi visto ao lado de seu cadáver, a não

janela sem cortina não revelavam a presença de nenhuma dona de casa zelosa; os rostos desgastados daquelas criaturas lamentáveis, uma das quais estava quase na frente de seu nariz e o fitava tão tranquilamente como se ele fosse uma mancha no vestido de outra pessoa – tudo isso o persuadiu de que tinha ido parar num antro asqueroso onde a lamentável depravação instalava sua morada, fruto da falsa educação e da terrível multidão da capital. Aquele antro onde o homem sacrilegamente espezinhara e ridicularizara tudo o que é puro e sagrado e que embeleza a vida, onde a mulher, com o tempo pudesse inflamar-se com mais amplitude e brilho. Não infantilmente ingênuo, portador de uma centelha de talento que talvez vítima de uma paixão louca, o pobre Piskarióv, discreto, tímido, modesto, antes que sua alma pecadora pudesse deixar o corpo. Assim morreu, sua mão não acertara o alvo e que ele havia sofrido por longo tempo sivo e pelas feições terrivelmente desfiguradas, podia-se concluir que lhe ensanguentada jazia no chão. Pelos braços abertos de modo convulso e encontraram seu cadáver com a garganta cortada. Uma nava chamou-lo, mas não vinha nenhuma resposta; por fim, puseram a porta

essa beldade do mundo, o coroamento da criação, convertera-se numa criatura estranha, ambígua, onde, junto com a pureza da alma, ela perdera tudo o que é feminino e adquirira de forma repugnante a maneira e a desfaçatez de um homem e já deixara de ser aquela criatura frágil, bela e tão diferente de nós. Piskarióv mediu-a dos pés à cabeça com olhos assombrados, como se desejasse acreditar que ainda era a mesma que o havia enfeitiçado e arrastado pela avenida Niévski. Contudo ela estava de pé na sua frente, bonita como antes; seus cabelos eram lindos como antes; os olhos ainda a quarto continuava trancado. Atiraram-se contra a porta, puseram-se e o trancado não se abriu nem uma vez; enfim, passou uma semana, e o quarto ninguém, não pediu nada. Quatro dias se passaram, e seu quarto com sinais de loucura no rosto. Trancou-se no quarto e não deixou em sua casa, pálido, com um aspecto horrível, de cabelos desgrehados, não; só no dia seguinte, graças a algum instinto estúpido, ele chegou à porta inteiro. Ninguém conseguiu saber se pernoitou em algum lugar ou tontas, sem destino, sem nada enxergar, sem ouvir, sem sentir, vagou o após perder os pensamentos e os sentimentos. Sua razão tornou-se: as

pareciam celestiais. Ela era viçosa; tinha apenas dezessete anos; era óbvio que fazia pouco tempo que fora sujeitada pela terrível depravação, a qual ainda não se atrevera a tocar suas faces viçosas e ligeiramente realçadas por um fino rubor – ela era linda. ¶ O jovem mantinha-se imóvel na sua frente e já estava prestes a, ingenuamente, perder a cabeça, como acontecera antes. Mas a beldade ficou farta daquele silêncio tão demorado e sorriu de modo significativo, fitando-o direto nos olhos. No entanto aquele sorriso estava cheio de uma desfaçatez lamentável; era um sorriso tão estranho e mais! Ele não teve forças para suportar aquilo! Atirou-se porta afóra, que fez a beldade gargalhar de modo extraordinário. ¶ Ah, já era de assim, olhei ¶ E deu a seu rosto lamentável uma expressão tão idiota insolente sua amiga calada que estava no canto. – Se eu casar, vou ficar paráveis da depravação. ¶ – Case comigo! – interveio com expressão zível – uma vida repleta de vazio e de futilidade, os companheiros insensíveis! Deus! Naquelas palavras, exprimiu-se toda uma vida infame, desprezo. – Não sou lavadeira nem costureira para ficar trabalhando que faltava! – Ela interrompeu o discurso com uma expressão de certo

tão destoante em seu rosto quanto uma expressão de piedade religiosa na cara de um usurário ou um livro de contabilidade para um poeta. Piskarióv estremeceu. Ela abriu sua boca bonitinha e começou a falar, mas era tudo tão tolo, tão vulgar... Como se junto com a pureza se perdesse também a inteligência humana. O jovem já não queria escutar mais nada. Ele era tremendamente ridículo e singelo como uma criança. Em vez de tirar proveito daquela benevolência, em vez de alegrar-se com aquele incidente, que sem dúvida alegraria qualquer outro em seu lugar, desatou a correr o outro lado, vai inspirar minhas obras, vai bordar ou ocupar-se com o meu lado, vai ser grato a si mesmo. Eu vou pintar quadros, você, sentada um ao lado do outro, para melhorar nossa vida. Não há nada mais agradável e edificante –, mas começaremos a trabalhar; vamos nos esforçar juntos, verdade, sou pobre – disse afinal Piskarióv, depois de um sermão longo pentezinho, também escutava com atenção o jovem pregador. ¶ – É para uma amiga sentada no canto, a qual, após parar de limpar um mos algo estranho e inesperado. Ela olhava de relance e sorria de leve

mais que pôde, como uma cabra selvagem, e abalou pela rua. ¶ De cabeça pendente e braços caídos, ficou sentado em seu quarto, como um indigente que achou uma pérola de valor inestimável para logo depois deixá-la cair no mar. “Tamanha beleza, feições tão divinas... e onde? Em que lugar!...” Era tudo o que conseguia pronunciar. ¶ De fato, nunca a piedade nos domina com tanta força como ao ver a beleza tocada pelo sopro pernicioso da depravação. Se pelo menos fosse a feiura que tivesse feito amizade com a depravação, mas a beleza, uma beleza meiga... em nossos pensamentos, atento e com o sentimento de surpresa que manifestamos quando vemos a beleza, começou a lhe mostrar o horror de sua situação. Ela escutava com ar Recobrando o ânimo, com voz trêmula e ao mesmo tempo fervorosa, decidiu verificar se suas exortações produziam algum efeito sobre ela. panorama. No entanto, apesar disso, refreando seu coração, Piskarióv ciar tais palavras! De repente, ela lhe revelou sua vida inteira, como num ¶ Ah, antes você fosse muda, antes não tivesse língua, do que pronunciar. Estava completamente bêbada — acrescentou, com um sorriso. ¶ — Pois acabei de acordar agora mesmo; trouxeram-me às sete horas da

ela só pode fundir-se com a castidade e a pureza. A beldade, que tanto enfeitiçara o pobre Piskarióv, era de fato um fenômeno prodigioso, extraordinário. A permanência dela naquele meio desprezível parecia algo ainda mais extraordinário. Todas as suas feições eram formadas com tanta pureza, toda a expressão de seu belo rosto denotava tanta nobreza que seria completamente impossível pensar que a depravação havia lançado sobre ela suas garras terríveis. Ela poderia ser uma pérola inestimável, o universo inteiro, toda a riqueza de um marido apaixonado; poderia ser uma linda estrela si- esgotamento, Piskarióv sentou-se numa cadeira e olhou para ela. ¶ Num — Por que o senhor fugiu de nós naquele dia? ¶ Ah! — exclamou a mulher, ao ver Piskarióv, e esfregou os olhos (já livamente sobre seu rosto, já não tão vígoso, mas ela inteira estava linda. bora os olhos estivessem sonolentos, embora a palidez caminhasse fur- batamento de felicidade. Ela estava na sua frente, linda como antes, em- conseguia se sustentar nas pernas de tanta fraqueza, envolto num arre- Ela, em pessoa, estava na sua frente: Piskarióv começou a tremer, mal aquela pela qual ele vivia de modo tão horrível, tão sofrido, tão delicioso.

lenciosa num discreto ambiente familiar e apenas com um movimento de seus belos lábios transmitiria ordens doces. Poderia ser uma divindade num salão lotado, sobre um assoalho lustroso, sob o fulgor das velas, diante da veneração muda de uma multidão de adoradores estirados a seus pés; contudo, aí, por força da vontade horrível de um espírito infernal, sôfrego de destruir a harmonia da vida, ela foi atirada em seu abismo, ao som de uma gargalhada. ¶ Penetrado por uma piedade dilacerante, Piskarióv estava sentado diante de uma vela acesa. A meia-noite já havia passado, o sino da

torre bateu meia-noite e meia, e ele continuava imóvel, sem sono, e também sem a atividade da vigília. A sonolência, aproveitando-se de sua imobilidade, parecia começar discretamente a querer dominá-lo, o quarto já começava a apagar-se, só uma chama de vela reluzia através dos devaneios que o dominavam, quando de súbito uma batida na porta obrigou-o a sobressaltar-se e a acordar. A porta se abriu, e entrou um laçao com uma libré de gala. Em seu quarto solitário, jamais entrara uma libré de gala, muito menos numa hora tão extraordinária... Ficou perplexo e, com curiosidade impaciente, lavou-se, penteou os cabelos, vestiu um fraque novo, um colete elegante; faces encovadas e com sua palidez. Pôs-se a enfeitá-lo com esmero; irromper em seu rosto; aproximou-se do espelho e assustou-se com as mentos.” ¶ Após traçar esse plano insensato, Piskarióv sentiu um rubor talvez até grandioso. Devolvi-lo ao mundo o mais belo de seus ornamentos. Porém minha proeza será desinteressada e se casam com suas governantas e, mais frequentemente até, com ela e, certamente, farei algo infinitamente melhor do que aqueles que arrendimento puro e mudar de vida, casarei com ela. Devo casar com

olhou para o lacaio. ¶ – Aquela fidalga – proferiu o lacaio, com uma reverência cortês –, cujos aposentos o senhor dignou-se a visitar há poucas horas, ordenou-me que convidasse o senhor a ir vê-la e mandou uma carruagem para levá-lo. ¶ Piskarióv ficou parado, numa surpresa muda: “Uma carruagem, um lacaio de libré!... Não, certamente existe aqui algum engano...”. ¶ – Escute, meu caro – proferiu com timidez –, o senhor provavelmente errou de endereço. Sua patroa, sem dúvida, mandou-o ao encontro de outra pessoa, não de mim. ¶ – Não, meu senhor, não me enganei. Ou não foi o comigo, e eu também nada tenho a ver com eles. Se ela manifestar um além, “Ninguém me conhece”, dizia consigo, “ninguém tem nada a ver a mão para salvá-la da queda?” Seus pensamentos projetavam-se ainda aceitar com indiferença sua perdição, quando, afinal, basta estender-lhe mentos de sua alma se inclinem para o arrependimento; talvez ela contra sua vontade, por força de um incidente horrível; talvez os movimentos de sua alma se inclinem para o arrependimento; talvez ela tranhos. “Talvez”, pensou, “ela tenha sido arrastada para a depravação distraído do que antes. Em sua cabeça, formaram-se pensamentos es-

senhor que fez a gentileza de acompanhar a patroa a pé até a casa que fica na rua Litiéinaia e ao cômodo situado no quarto andar? ¶ – Fui eu. ¶ – Pois bem, então, por favor, vamos logo, a patroa deseja vê-lo sem falta e pede que vá direto a sua casa. ¶ Piskarióv correu escada abaixo. Na porta, estava mesmo uma carruagem. Sentou-se nela, as portinholas bateram, as pedras do calçamento começaram a ressoar debaixo das rodas e dos cascos – e a iluminada perspectiva das casas com os letreiros radiantes correu em disparada pelas janelas da carruagem. Ao longo de todo o caminho, Piskarióv refletia nunca um sonho melhor do que esse. Acordava revigorado e menos dor! Ela reclinava sua linda cabeça no peito dele... Piskarióv não tinha modo inteiro respirava o paraíso; era tão claro, tão bem-arrumado. Cria dela, lânguidos, cansados, estava retratado o fardo da ventura; o côncavo da cadeira de Piskarióv, e observava seu trabalho. Nos olhos pos. Estava sentada a seu lado, com o cotovelo encantador apoiado no sentado com a paleta nas mãos! E ela também estava ali. Já era sua es-lhe o seu ateliê, ele estava tão contente, era tão grande seu prazer ali todas as visões, havia uma que era a mais alegre para Piskarióv: surgia-

e não sabia como explicar aquela aventura. A própria casa, a carruagem, o lacaio de libré de gala... — não conseguia combinar tudo isso com o cômodo situado no quarto andar, as janelas empoeiradas e o piano desafinado. ¶ A carruagem parou diante de uma entrada fortemente iluminada, e no mesmo instante impressionou-o a fileira de veículos, a conversa dos cocheiros, as janelas fortemente iluminadas e os sons da música. O lacaio de libré de gala o fez descer da carruagem e o conduziu respeitosamente a um vestíbulo com colunas de mármore, com um porteiro banhado em ouro, com rante, destrutivo, conturbado, esse infeliz era ele. ¶ Nos sonhos, entre ser apaixonado ao último grau de loucura, de modo impetuoso, apavorado, incendiaram ainda mais seus pensamentos, e se um dia já existiu um também mais puro e transformava-se por inteiro. ¶ As doses de ópio meio de tais devaneios, seu próprio tema, de algum modo, tornava-se tos eram totalmente puros, como os pensamentos de uma criança. Por e sempre numa situação contraposta à realidade, pois seus pensamentos a sua imaginação que a visão desejada aparecia-lhe quase todos os dias, tivo adquirir, por fim, tamanho poder sobre todo o seu ser e sobre toda

capas e casacos de pele espalhados, com um lampião radiante. Uma escada aérea, com corrimãos reluzentes e perfumada, levava ao andar superior. Ele já estava na escada, já havia entrado na primeira sala, assustou-se e recuou logo após o primeiro passo por causa da multidão apavorante. A extraordinária variedade dos rostos deixou-o numa perplexidade completa; pareceu-lhe que um demônio havia esmigalhado o mundo inteiro numa infinidade de pedacinhos, e todos esses fragmentos sem sentido, sem rumo, embaralharam-se. Os iluminados ombros das senhoras e os fraques negros, os desejada. A constante orientação do pensamento para um único objeto impaciência, com a paixão de um amante, esperava a noite e a visão sem cessar. Piskariv não pensava em nada, quase não comia e, com e a existência real! "Pensamentos quase iguais a esses ocupavam-no amavam? Deus, que vida a nossa! Uma eterna desavença entre o sonho agradável a seus parentes e amigos, aqueles que ainda havia pouco o vida horrível! De que adianta viver assim? Acaso a vida de um louco é quando me ocorresse pintar algo de divino e sagrado. Mas agora... que caria você como a um anjo da guarda, no sono e na vigília, e a esperaria

lustres, os lampiões, as escumilhas esvoaçantes e vaporosas, as fitas etéreas e o gordo contrabaixo que se entrevia por trás da balastrada do coro suntuoso – tudo para ele era esplêndido. Viu de uma só vez uma porção de velhos e semivelhos respeitáveis com meda-
lhas nos fraques; senhoras que desfilavam sobre o piso de parquê cheias de orgulho, leveza e graça ou ficavam sentadas em fileiras; ouviu tantas palavras francesas e inglesas, e também os jovens de fraques pretos estavam cheios de tanta nobreza, falavam e silenciavam com tanta dignidade, eram a tal ponto incapazes de falar algo e então seria feliz. Não sairia em busca de nenhum outro desejo. Invo-
beijaria. Eu viveria e respiraria por você, como por um sonho lindíssimo, pirado! Eu não me afastaria da tela, olharia eternamente para você e a
existisse! Não vivesse no mundo, mas fosse a criação de um pintor ins-
vido, estacalhado, com lágrimas nos olhos. “Era melhor que você não
Ai de quem se atrevera a pensar, ai de quem...” Mas ele acordou, como-
acaso sou capaz daquilo que o senhor está pensando?”. “Ah! Não, não! senhor me toma. Olhe bem para mim, olhe com toda a atenção e diga:
olhos: “Não me despreze: não sou de maneira alguma aquilo por que o

supérfluo, gracejavam com tanta imponência, sorriam tão respeito-
samente, portavam suíças tão soberbas, sabiam com tanta arte
mostrar suas mãos distintas, ajeitando a gravata, as senhoras eram
tão vaporosas, tão imersas num completo enlevo e presunção, bai-
xavam os olhos de maneira tão cativante que... mas o aspecto mo-
desto de Piskarióv, que se apoiava apreensivo numa coluna, revelava
que ele estava completamente desorientado. Nessa hora, a multidão
rodeava um grupo que dançava. Eles deslizavam, enrolados em
transparentes criações de Paris, em vestidos tecidos com fios de ar;
braço, cingido por um bracelete de cristal! Ela lhe diz, com lágrimas nos
Que som musical têm seus passos e o vestido singelo! Como é belo seu
inefável sensação de bom gosto. Como é meigo seu andar gracioso!
harmonioso; tudo nela é discreto, tudo nela é uma misteriosa, uma
e como lhe cai bem! Uma trancinha curta encostava de leve no pescoço
vestir-se. O penteado em sua cabeça... Criador, que penteado simples,
aquela simplicidade com a qual só o pensamento de um poeta poderia
toda junto à janela de uma radiosa casinha de campo! Sua roupa respira
Mas já com um aspecto de todo diferente. Ah, como está bonita, sen-

as mulheres tocavam descuidadamente o parquê com seus pezinhos radiantes e eram ainda mais etéreas do que se de fato não o tocassem. Mas entre elas havia uma que era a mais bem-vestida, com mais luxo e mais esplendor. Uma indescritível e refinadíssima combinação de gostos disseminava-se em todos os seus ornamentos, e ela parecia não estar nem um pouco preocupada com nada daquilo, porém isso extravasava como que contra a sua vontade. Ela olhava e não olhava para a multidão de espectadores que a rodeava, as pestanas lindas e compridas baixavam com indiferença, e a brande atirou-se na cama para dormir. ¶ Deus, que alegria! Ela! De novo, ela! ¶ Ao chegar, verteu algumas gotas num copo com água e, após engolir, trocaria nem por um monte de ouro, e a toda a pressa correu para casa. gotas na água. Ele agarrou com sofreguidão o frasco precioso, que não nho e deu a Piskarióv, com a orientação de não pôr mais do que sete escuro, verteu cuidadosamente uma parte do conteúdo em outro vidrinho, o persa saiu e voltou com um vidrinho cheio de um líquido seja bonita! ¶ Que seja uma beldade! ¶ Piskarióv prometeu tudo. Num esteja deitado ao lado dela e fume um cachimbo! Está ouvindo? Que

cura cintilante de seu rosto saltava aos olhos de modo ainda mais ofuscante quando, a uma inclinação da cabeça, uma leve sombra encobria sua testa sedutora. ¶ Piskarióv empenhou todos os esforços para abrir caminho na multidão e observá-la; porém, para seu grande desgosto, uma cabeça enorme com cabelos escuros e cacheados a encobria o tempo todo; de resto, a multidão o comprimia a tal ponto que ele não se atrevia a avançar, nem se atrevia a recuar, com receio de esbarrar em alguém com aspecto de conselheiro secreto. No entanto, eis que encontrou um caminho para brancelhas negras e os olhos grandes como azeitonas; e que eu mesmo para mim uma beldade. E que seja uma beldade muito bonita! As so- ¶ – Muito bem, darei ópio a você, mas desenhe ¶ – Para que você quer ópio? – perguntou. ¶ Piskarióv contou-lhe a res- ópio. O persa recebeu-o num sofá, sentado sobre as pernas dobradas. ¶ – Decidiu ir à casa dele supondo que, sem dúvida, haveria lá o tal que quase toda vez que o encontrava lhe pedia para desenhar uma bel- conseguir ópio? Lembrou-se de um persa, dono de uma loja de xales, recuperar o sono – para tanto, era preciso apenas tomar ópio. Mas onde

Se alguém o visse em silêncio sentado diante de uma mesa vazia ou caminhando pela rua, na certa o tomaria por lunático ou por alguém destruído por bebedeiras tremendas; seu olhar era totalmente sem sentido, a distração natural enfim se desenvolveu e expulsou imperiosa-mente de seu rosto todos os sentimentos, todos os movimentos. Ele só revivia com o cair da noite. ¶ Tal situação transformou suas energias e, para ele, a tortura mais medonha foi quando, afinal, o sono começou a abandoná-lo de todo. Desejoso de salvar sua única riqueza, empregou todos os meios para recuperá-la. Ouviu dizer que existia um modo de lavar a cabeça e, de cabeça baixa, quis afundar na terra, mas decidida-mente não havia onde afundar: os cadetes de uniformes radiantes formavam uma verdadeira muralha a suas costas. Piskarióv já desejava estar o mais longe possível da beldade de testa e pestanas lindas. Com pavor, ergueu os olhos para ver se ela não estaria

olhando para ele: Deus! Ela estava bem na frente dele... Mas o que é isso? O que é isso? “É ela!”, exclamou o jovem quase em voz alta. De fato, era ela, a mesma que havia encontrado na avenida Niévski e a quem acompanhara até sua morada. ¶ Nesse meio-tempo, ela erguera as pestanas e olhava para todos com seu olhar radiante. “Ai, ai, ai, que bonita!...”, foi tudo o que Piskarióv conseguiu dizer com a respiração entrecortada. Ela percorreu com os olhos o círculo inteiro, todos sequiosos de obter sua atenção, mas o fez com uma espécie de cansaço e desatenção, desviou-se logo deles e deparou com os olhos estranha: Piskarióv, pode-se dizer, dormia acordado e velava dormindo. ram-se em sua vida, e a partir de então toda a sua vida deu uma guinada - uma névoa, de novo uma visão idiota. ¶ Por fim os sonhos transforma- cionário e fagote; ah, isso é insupportável! Por fim ela apareceu! Sua ca- ceu, de novo sonhou com um funcionário que era, a um só tempo, fun- mostre-me aquela mulher!” De novo esperou a noite, de novo adorme- jeto, “Deus, misericórdia: nem que seja por um minuto, por um minuto, ab- longo tempo, enfim a derrotou. De novo, o sonho, o sonho vulgar, ab-

de Piskarión. Ah, que céu! Que paraíso! Dai-me forças, Criador, para suportar isso! A vida não tem lugar para tanto: vai destruir e levar embora minha alma! Ela fez um sinal, mas não com a mão, não com uma inclinação da cabeça, não, em seus olhos devastadores aquele sinal exprimiu-se por meio de uma expressão tão sutil e discreta que ninguém pôde vê-la, mas ele viu, ele a compreendeu. A dança prolongou-se por muito tempo; a música fatigada, que parecera apagar-se e extinguir-se de todo, mais uma vez se elevou, ganiu e retumbou; enfim – enfim! Ela sentou, seu peito ergueu-se debaixo de uma fina fúria com sofreguidão, jogou-se de novo na cama. Lutou contra a insônia por dos de modo estranho. Assim permaneceu sentado até o anoitecer e, “Roupa velha para vender”. O dia a dia e a realidade afetavam seus ouvidos: água que congelava no ar, e a voz trêmula de um ambulante retinindo pela janela que dava para um pátio onde um aguadeiro sujo entornava nada; seus olhos, sem nenhum destino, sem nenhuma vida, olhavam imbuído apenas da visão de um sonho. Mas não pensava em tocar em tudo, Piskarión estava sentado, com um aspecto desolado, desesperado, acima das nuvens, passasse diante dele. ¶ Alheio a tudo, esquecido de

maça de gaze; sua mão (Criador, que mão maravilhosa!) caiu sobre o joelho, apertou debaixo de si o vestido vaporoso, e o vestido, sob a mão, pareceu respirar junto com a música, e sua sutil cor lilás realçou ainda mais a brancura radiante daquela mão linda. Apenas tocá-la – e mais nada! Nenhum outro desejo – todos os demais desejos eram insolentes... Estava junto dela, atrás de sua cadeira, não ousava falar, não ousava respirar. ¶ – O senhor ficou aborrecido? – perguntou. – Também fiquei. Percebi que o senhor me odeia... – acrescentou, baixando as pestanas compridas. ¶ – Odiar a senhora! Eu? Eu... – Totalmente! Quem dera seu braço, desnudo, radiante como a neve que fica leve, quem dera suas feições, quem dera por um minuto soassem seus passos suas lindas feições, quem dera surgir por um minuto dormir; mas ela não aparecia. Quem dera surgissem por um minuto disparates desse tipo. ¶ Ficou deitado na cama até o meio-dia, querendo beça de uma velha finlandesa cujo retrato ele fizera tempos antes, e guarda da academia, ora um autêntico conselheiro de Estado, ora a cajava ver: aparecia ora o tenente Pirogóf com um cachimbo, ora um – se a ele, mas não surgiu, de forma alguma, aquilo que Piskarión desejava mesmo instante o sonho fugaz. E de fato o sonho não tardou a mostrar-

mente desnortado, Piskarióv fez menção de falar e na certa diria um amontoado de palavras de todo incoerentes, mas nesse momento aproximou-se um camarista, com observações sagazes e simpáticas, com um lindo topete frisado na cabeça. Ostentava, de forma bastante agradável, uma fileira de dentes bem bonitos e, a cada gracejo, cravava um prego pontudo no coração de Piskarióv. Por fim, um dos desconhecidos, para sua felicidade, dirigiu-se ao camarista com uma pergunta qualquer. — Como isso é insuportável! — disse ela, levantando para Piskarióv seus olhos celestiais. — Vou sentar na outra extremidade da cama, enrolado no cobertor, no intuito de evocar no espírito o que é ela comparada ao sonho? Despiu-se rapidamente e repugnante! O quarto estava numa desordem tão cinzenta e turva... Ah, como a realidade é repugnan- te! O seu brilho desagradável e embaçado, o espelho através do qual se via o mundo lá fora, parecia agora tão distante e escuro quanto o fundo do mar. Ela não esperara mais nada disso! Deus, que sonho! E para que acordar? Por que não esperar mais nada disso! Deus, que sonho! E para que acordar? Por que não esperar mais nada disso!

tremidade da sala; vá para lá! ¶ Deslizou no meio da multidão e desapareceu. Como um louco, Piskarióv abriu caminho à força na multidão e logo chegou lá. ¶ Pronto, lá estava ela! Sentada como uma rainha, ainda mais bela, ainda mais linda, e procurava os olhos de Piskarióv. ¶ – O senhor está aqui – proferiu em voz baixa. – Serei franca com o senhor: provavelmente, lhe pareceram estranhas as circunstâncias do nosso encontro. Acaso o senhor está pensando que pertenço àquela desprezível classe de criaturas entre as quais me vii antes? Parecem estranhas ao senhor minhas atitudes, porém vou apresentar tudo sob um aspecto nebuloso. Por fim, começaram a lhe canto e observou a multidão; mas seus olhos tensos começaram a lhe suas buscas, porém, foram em vão. Inquieto, cansado, recolheu-se a um mais uma vez! Quero ouvir o que ela pretendia me dizer” – todas as até onde ela está! Ah, não posso continuar a viver sem olhar para ela ela não estava ali. Na terceira – também não. “Onde está ela? Levai-me condecoração muito importante. Passou correndo para outra sala – e talmente, sem sequer perceber que o homem trazia no pescoço uma uma observação absolutamente justa, mas Piskarióv empurrou-o bru-

revelar-lhe um segredo: o senhor será capaz – indagou, com os olhos concentrados em Piskarióv – de jamais trair este segredo? ¶ – Ah, serei! Serei! Serei!... ¶ Mas naquele instante se aproximou um homem já de certa idade, falou com ela numa língua incompreensível para Piskarióv e lhe ofereceu o braço. Com um olhar suplicante, ela fitou Piskarióv e fez sinal para ele ficar onde estava e aguardar sua volta, porém, num arroubo de impaciência, ele não teve forças para obedecer a ordem alguma, mesmo que viesse dos lábios dela. Partiu atrás da jovem, no entanto a multidão separou-os. → tável, agarrou-o por um botão do fraque e expôs a seu julgamento. Piskarióv sentiu que um homem de mais idade, de aspecto respeitoso, observações sutis sobre as obras em vários tomos de um poeta labo- paração com o civil; em outro, homens em fraques magníficos lançavam de mais idade discutiam sobre a vantagem do serviço militar em com- imersos num silêncio mortal. No canto de uma sala, algumas pessoas caminho, mas em todas as salas havia apenas figuras jogando uíste, sala a outra e empurrava sem piedade todos os que surgiam em seu → Piskarióv não viu mais o vestido lilás; com ansiedade, passava de uma